

RESILIÊNCIA, PERCEÇÃO TEMPORAL E AUTOEFICÁCIA: um estudo sobre as diferentes gerações de trabalhadores

LERENO DA COSTA NUNES
FACULDADE FUCAPE (FUCAPE)

RESILIÊNCIA, PERCEPÇÃO TEMPORAL E AUTOEFICÁCIA: um estudo sobre as diferentes gerações de trabalhadores

1 INTRODUÇÃO

Devido ao aumento da competitividade entre as organizações nos anos 90, surgiram novos perfis produtivos no meio laboral (KAMIA; PORTO, 2011), em que a mão de obra, a otimização do tempo produtivo e o desempenho em relação ao uso de tecnologias estão entre os fatores que podem interferir na produtividade das organizações (ROMAN *et al.*, 2012). A busca por melhoria do desempenho corporativo é constante, mediante a abertura de horizontes proporcionados pela globalização e pela velocidade no uso de tecnologias (KANTROWITZ *et al.*, 2012) exigindo de trabalhadores uma gestão pessoal flexível e adaptada às exigências do mercado (DRUMOND; ITUASSU; VASCONCELOS, 2016).

Nesse contexto, a literatura identifica grupos de gerações de trabalhadores com características adquiridas por intermédio de vivências e de acontecimentos históricos que repercutem em seus valores pessoais, na identificação de comportamentos e de atitudes (BEJTKOVSKÝ, 2016). Os indivíduos nascidos entre os anos de 1946 e 1964 são a geração Baby Boomers (KING; BRYANT, 2017); a geração X nasceu entre 1965 e 1977 (COMAZZETTO *et al.*, 2016); a geração Y, entre 1978 e 1994 (SANTOS *et al.*, 2014); e a geração Z, entre 1995 e 2010 (BEJTKOVSKÝ, 2016). A constatação e o conhecimento sobre as características peculiares a essas gerações são essenciais na solução de possíveis complexidades do clima organizacional (KAMIA; PORTO, 2011).

Fatores ligados ao tempo produtivo no ambiente laboral ou fatores de percepção temporal (Policronia, Velocidade, Pontualidade, Profundidade Temporal e Arrastamentos Sincronia, Liderança e Condução), podem sinalizar como pensam e agem os indivíduos de diferentes gerações em relação ao tempo de resposta (PAIVA *et al.*, 2013). Problemas apresentados na gestão do tempo e a conseqüente redução do sentimento de autorrealização ou autoeficácia nos indivíduos poderão desencadear perdas na produtividade (OLIVEIRA *et al.*, 2016). Funcionários com autoestima elevada, quando assimilam os objetivos das organizações, produzem mais e de forma diferenciada (DE ABREU; FORTUNATO; BASTOS, 2016).

Este estudo poderá contribuir para o conhecimento do ambiente organizacional, interagindo no planejamento de intervenções e avaliações de resultados sobre a autoeficácia, influenciando a percepção do meio organizacional como estímulo para que funcionários despertem às oportunidades de crescimento nas empresas (ONYISHI; OGBODO, 2012). Tais informações poderão servir para auxiliar no estudo da possibilidade de conflitos ou adaptação de interesses entre as gerações no ambiente de trabalho (FURUCHO *et al.*, 2015), ou mesmo como orientação a profissionais que necessitem de uma base de dados para o autoconhecimento (AMBIEL; HERNANDEZ, 2016).

Os traços de personalidade e o modo característico de execução das tarefas possuem grande significado para estratégias de relacionamentos laborais (LIMA *et al.*, 2016). Estas características poderão servir para amenizar dificuldades de ajustamento em relação ao alinhamento temporal, no cumprimento de objetivos e metas impostas pelas organizações a seus funcionários e gestores (PAIVA; GONÇALVES, 2013).

Diante da competitividade do mercado, espera-se que indivíduos percebam e se adaptem à gestão do tempo no desempenho de suas funções (ASKIN; SURUCU, 2016). Estudos direcionados às organizações poderão contribuir para um melhor entendimento das fontes de autoeficácia, por intermédio do direcionamento de estudos a pessoas ou grupos, comparando-os conforme suas especificidades (BARROS; BATISTA-DOS-SANTOS, 2010).

2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Duas linhas de pesquisa opostas tentam explicar como o trabalhador lida com o tempo e a produtividade versus o sentimento de autoeficácia ou de autorrealização. Boa parte da literatura concentra esforços em explicar os conflitos geracionais, com foco nas diferenças entre o comportamento dos trabalhadores e em como as relações conflitantes afetam a produtividade das empresas e a autoeficácia do trabalhador (BEJTKOVSKÝ,2016; SANTOS *et al.*,2014; FURUCHO *et al.*,2015; NASCIMENTO *et al.*, 2016). Uma outra vertente busca identificar e explicar comportamentos complementares entre as gerações, capazes de se adaptar às exigências tecnológicas em função do compartilhamento globalizado de informações entre profissionais da mesma ou de diferentes áreas e organizações, oferecendo facilidades dentro de um aprendizado autoalimentado pela comunicação (COLBERT; YEE; GEORGE, 2016.). Há, portanto, a possibilidade de haver diferentes gerações de trabalhadores convivendo sem radicalismos e sem grandes variações de comportamento em um mesmo ambiente laboral por força do clima e da cultura organizacional (DE CARVALHO JACQUES *et al.*,2015).

Esta pesquisa objetivou investigar qual dessas duas linhas de pesquisa (conflito geracional ou adaptação geracional) é válida para uma seleção de trabalhadores formais de organizações públicas e/ou privadas, com acesso às redes sociais e a meios eletrônicos de comunicação. A proposta foi verificar se e como cinco fatores de percepção temporal (policronicidade, velocidade, pontualidade, profundidade temporal e arrastamento) influenciam o sentimento de autoeficácia de forma diferente em grupos de gerações de trabalhadores (Baby Boomers, X, Y e Z), em meio ao incremento da rapidez, da tecnologia e racionalização do tempo nas organizações.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Gerações (Baby Boomers, X, Y E Z)

A literatura define as Gerações como grupos de pessoas identificadas por similaridades históricas, sociais e culturais que possuem valores pessoais aproximados (TEIXEIRA *et al.*, 2014). Estudar as gerações trata-se de desenvolver uma cultura organizacional para que gestores possam conhecê-las e identificá-las por intermédio de seus perfis, buscando uma melhor aplicabilidade deste conhecimento para a gestão nas organizações (NASCIMENTO *et al.*, 2016). As gerações mais atuantes no mercado de trabalho estão divididas em Baby Boomers, X, Y e Z (ALMEIDA; ITAUASSU; MOURA, 2016) (Ver Quadro 01).

A delimitação destas gerações leva em conta aspectos e ocorrências significativas em uma visão globalizada, além de uma determinação cronológica, pois trazem consigo marcas características e eventos acontecidos que ajudam a delinear perfis comportamentais comuns aos grupos (FALASTER; FERREIRA; REIS, 2015). Neste contexto, as gerações foram delimitadas em espaços temporais para que houvesse a possibilidade do estudo de suas características, atitudes e comportamentos, visando uma melhor compreensão de seus perfis e tendências (BECTON; WALKER; JONES-FARMER, 2014).

No campo laboral há a presunção de um contrato psicológico estabelecido entre gerações e organizações, em que são consideradas obrigações sobre promessas mútuas, o que regulará a intenção de rotatividade e o comprometimento laboral (LUB *et al.*, 2012). Tais ligações e a formulação de estratégias dependem da assimilação e colocação de cada característica de forma organizada no contexto laboral, levando-se em conta o aproveitamento das especificidades potencialmente definidas na busca de fatores diferenciados que auxiliem as organizações na transposição de seus desafios (NASCIMENTO *et al.*, 2016).

Estas gerações convivem em meio a um padrão produtivo constantemente inovado diante da exigência por flexibilidade e rapidez proporcionadas pelo uso de tecnologias (DRUMOND; ITUASSU; VASCONCELOS,2016). A geração Baby Boomers (1946 a 1964) (KING; BRYANT,2017) que, conforme a literatura, apresentam resistência a novos instrumentos tecnológicos (SANTOS *et al.*,2014; FURUCHO *et al.*,2015; NASCIMENTO *et*

al., 2016) e a ideias inovadoras, são fiéis aos objetivos das organizações (NEWTON et al., 2015), mas possuem dificuldades em comunicação interpessoal e organizacional e pouca resiliência quanto à perda de status (SANTOS et al., 2014).

A geração X (1965 a 1977) cresceu com a realidade de pais trabalhando fora do lar e a consequente ausência de limites. Tendem a ser irreverentes, são individualistas, gostam de desafios e novidades no ambiente de trabalho, capacitam-se com o objetivo de melhorar os seus ganhos por conta de habilidades adquiridas, além de cultivar a flexibilidade e liberdade de horários no trabalho (COMAZZETTO et al., 2016).

No contexto temporal esta geração participou da introdução do uso do computador no cotidiano das pessoas, tendem a trabalhar de forma independente e sozinhas, não possuem lealdade ao vínculo organizacional, não adaptam-se a cobranças excessivas, mas sempre tentam buscar o equilíbrio entre a vida pessoal e laboral (TEIXEIRA et al., 2014). Possuem a característica de cumprir regras e horários, além de investirem na longevidade da permanência nas organizações como objeto de ascensão profissional (LIMA et al., 2016). Ainda que sejam trabalhadores solitários prezam pelo equilíbrio entre a vida pessoal e profissional (TEIXEIRA et al., 2014).

A geração Y (1978 a 1994) nasceu em berço tecnológico e dentro de um ambiente digital (SANTOS et al., 2014) como geração globalizada (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016) e possui perfil proativo (LIMA et al., 2016). São dependentes de tecnologia, consomem muito tempo com conteúdo de mídias sociais, atualizam-se e praticam o lazer sempre conectados a grupos de pessoas (BOLTON et al., 2013). São individualistas, multifacetados, aceitam a diversidade e possuem boa administração do tempo, ainda que represente desafios para as empresas, onde o seu nível de atuação tem provocado uma grande rotatividade (COMAZZETTO et al., 2016).

Busca desafios intelectuais, controla a sua performance como geração digital e está sempre conectada (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016). Esforçam-se na execução de multitarefas e buscam a integração entre a vida laboral e pessoal como qualidade de vida, não deixando de lado a ambição, principalmente por sempre estar investindo em sua reciclagem profissional (LIMA et al., 2016).

Não separam a vida pessoal do trabalho, possuem dificuldades em assumir responsabilidades ou fracassos, além de não respeitarem a posição da hierarquia organizacional (SGANDERLA et al., 2016). Na interação entre clientes e colegas de trabalho em relação a gerações anteriores, esta geração destaca-se em procedimentos e atitudes devido à forma como abordam as diversas situações, reforçando a necessidade do conhecimento de suas características como um grande desafio (BOLTON et al. (2013).

A geração Z, localizada entre os anos de 1995 e 2010 (BEJTKOVSKÝ, 2016), é considerada como geração global e possui características de fácil adaptação ao ambiente laboral de multitarefas com boa produtividade e conta com um alto sentimento de autoconfiança em sua carreira profissional (MAIOLI, 2016). Exercita o seu marcante consumismo por intermédio de meios eletrônicos, onde procuram valorizar o status como forma de autoafirmação social (LARANGEIRA; CARDOSO; KUMM, 2016)

3.2 Fatores de Percepção Temporal (Policronia, Velocidade, Pontualidade, Profundidade Temporal e Arrastamento)

As dimensões policronicidade (policronia), velocidade, pontualidade, profundidade temporal e o arrastamento, subdividido em sincronia, liderança e condução, atuam como fatores de percepção temporal (PAIVA et al., 2013). A policronia ou policronicidade é tida como a dimensão em destaque entre os fatores de percepção temporal e está ligada a preferências intrínsecas de indivíduos com tendência a executar múltiplas tarefas sem que obedeça uma

ordem sequencial, aliada a exigências decorrentes do ambiente laboral (PALMER, 2016; KIRCHBERG; ROE; VAN EERDE, 2015).

A velocidade é uma característica gerada em razão da quantidade de atividades desenvolvidas em relação ao intervalo de tempo gasto para tal execução enquanto que a Pontualidade se define como o cumprimento de uma atividade dentro do prazo planejado (PAIVA; GONÇALVES, 2013).

Em ambientes de atividades complexas, o grau de pressão para a execução de tarefas em tempo hábil torna-se um fator moderador para o exercício da policronicidade em multitarefas (KANTROWITZ et al., 2012) onde esta dimensão possui associação direta com a velocidade e inversa com a pontualidade (PAIVA et al., 2013).

A Profundidade Temporal é a localização de um evento presente em um intervalo entre o passado e o futuro, considerando a probabilidade de acontecimentos por força de qualquer tempo em relação a metas. Desta forma os sujeitos organizam-se e definem a tarefa principal e o seu tempo de execução que servirá como base a outros prazos envolvidos (PAIVA et al., 2013). Estes tempos quando alinhados de forma sincrônica, em relação ao tempo principal, definem a dimensão Arrastamento Sincronia por alinharem-se de forma plena ao conjunto (PAIVA et al., 2014).

Quando um prazo se antecipa à pontualidade do prazo principal caracteriza a dimensão Arrastamento Liderança (PAIVA et al., 2013), ou mesmo quando há atrasos e conseqüente necessidade de conduzir os demais prazos, ao alinhamento do tempo principal, temos uma situação de Arrastamento Condução (PAIVA et al., 2014).

3.2 Autoeficácia ou Autorrealização

A autoeficácia é a propriedade de autoafirmação para a execução de tarefas por efeito positivo, de fatores intrínsecos aos indivíduos, diante do questionamento sobre determinadas atitudes (SBICIGO et al., 2012). Não representa alguma habilidade individual, mas um sentimento positivo de certeza para a realização de algo pretendido (PENG; MAO, 2015). O construto autoeficácia foi criado por Albert Bandura em 1977 (BARROS; OLIVEIRA; SPYRIDES, 2012) e possui um conceito relacionado a autoestima e ao autocontrole do indivíduo (CHERIAN; JACOB, 2013).

A comunidade científica busca o conhecimento e a atualização de informações sobre o construto autoeficácia (PRISCO; MARTINS; NUNES, 2013) que também é denominado como crença de autoeficácia e é classificado como um instrumento valioso para a determinação do comportamento humano e de autodeterminação (AMBIEL; HERNANDEZ, 2016). A escala de autoeficácia geral é um instrumento amplo que aborda o autoconceito através dessas crenças que levam a um maior desempenho por intermédio do crescimento do sentimento de autoestima (SBICIGO et al., 2012).

Esta dimensão possui grande importância e efeito na resiliência diante das adversidades impostas por comportamentos, assimilação de tecnologias, ou mesmo na progressão laboral, como resultado de uma contribuição motivadora positiva (CHERIAN; JACOB, 2013). A fluência tecnológica contribui positivamente para a performance de indivíduos nos sistemas das organizações, demandando pesquisas sobre como a fluência digital poderá interferir na eficácia de trabalhadores (COLBERT; YEE; GEORGE, 2016).

Por conseguinte, há de ser considerado o envelhecimento da mão de obra e a forma como gestores visualizam o aproveitamento de suas características e valores individuais (VITÓRIA; REGO; BOAS, 2017), direcionados a habilidades desenvolvidas e constantemente evoluídas em relação ao controle e uso do tempo (PAIVA et al., 2013). Pois, entre as fontes de crença de eficácia, a experiência direta vivenciada por indivíduos é a que mais contribui para a eficácia pessoal (BARROS; BATISTA-DOS-SANTOS, 2010), onde o sentimento de baixa eficácia tende a excluir indivíduos de propensas atividades (LIMA et al., 2016). O histórico das

pesquisas sobre a autoeficácia leva a uma relação inicial entre a motivação, ação, estímulo, influências e pensamentos, para que seja percebido o seu estado positivo ou negativo (ANTLOGA, 2017).

No ambiente laboral e pessoal a autoeficácia está ligada ao indivíduo como mecanismo de influência própria e auto motivador (PRISCO; MARTINS; NUNES, 2013), pois atua por intermédio da crença que o indivíduo é responsável por propriedades da mudança de sua decisão ou desempenho (VELOSO et al., 2015). Esta capacidade autônoma possui relação positiva com o objetivo do trabalho e atua de forma negativa com a carga emocional, que prejudica a realização de tarefas por limitação da energia utilizada para a autoeficácia (BOAS; MORIN, 2016).

A influência positiva pessoal no trabalho pode ser ajustada em relação a autoeficácia com ações persistentes de enfrentamento das dificuldades, resiliência de falhas ocorridas e autoconfiança em lidar com os desafios (PENG; MAO, 2015). Indivíduos que se julgam incapazes tendem a ser evasivos, desanimados e desistentes perante a autoeficácia, na medida em que a motivação reforça a capacidade de reação para o enfrentamento das adversidades, despertando um aprendizado de resistência a atribuições (ANTLOGA, 2017).

A ausência de competência pode afetar a projeção de metas profissionais, insegurança e falta de motivação (PRISCO; MARTINS; NUNES, 2013). A baixa ou alta percepção de autoeficácia pode desencadear respectivamente um baixo desempenho ou um déficit de empenho em virtude da visão de facilidade, o que geralmente não ocorre com níveis intermediários de autoeficácia (LIMA et al., 2016). Essas crenças de autoeficácia interagem junto à ação do reconhecimento e da necessidade, pois atuam como reguladores do esforço e do empenho necessário para a tomada de atitude (SBICIGO et al., 2012).

Estudos indicam a proximidade do bem-estar no trabalho com a autoeficácia (ANTLOGA, 2017). Esta percepção pode ocorrer por intermédio do esforço e persistência atuantes na opção comportamental diante da aquisição de novas competências, assimilando novos desafios como oportunidades ao invés de ameaças (BARROS; OLIVEIRA; SPYRIDES, 2012). A possibilidade da reprogramação de metas e o controle de atitudes sobre pressão emocional agem sobre a autoeficácia de forma negativa quando há resignação e de forma positiva quando a satisfação e o comprometimento no trabalho são exercidos (PENG; MAO, 2015).

Desta forma, experiências vivenciadas ou por aprendizagem de outra atividade alheia a esperada, bem como fatores fisiológicos e cognitivos, pode atuar negativamente ou positivamente no sentimento de autoeficácia (PRISCO; MARTINS; NUNES, 2013). Por isso a autoeficácia possui uma relação positiva com o desempenho, que está ligado à idade, onde homens possuem maior preferência a atividades por habilidades lógicas em relação a atividades científicas e de negócios, enquanto que as mulheres preferem atividades sociais e de cunho investigativo (LIMA et al., 2016).

4 METODOLOGIA

Para que fosse possível verificar se e como cinco fatores de percepção temporal (policronicidade, velocidade, pontualidade, profundidade temporal e arrastamento) influenciam o sentimento de autoeficácia de forma diferente em grupos de gerações de trabalhadores (Baby Boomers, X, Y e Z), em meio ao incremento da rapidez, da tecnologia e racionalização do tempo nas organizações, foi realizada esta pesquisa com trabalhadores pertencentes a diversas gerações, vinculados às organizações e que possuem acesso a tecnologias de comunicação. Adotou-se para este fim uma metodologia quantitativa, de caráter descritivo e em corte transversal, por intermédio de pesquisa quantitativa com a utilização de dados primários a uma população composta por trabalhadores formais.

Foi utilizada uma coleta de dados primários de amostragem não probabilística por acessibilidade do tipo survey, por intermédio de questionário com respostas fechadas, elaboradas em ferramenta tecnológica específica intitulada *Google Forms*, enviado por aplicativos intitulados WhatsApp e Facebook, bem como através de link de acesso ao questionário enviado por intermédio de correio eletrônico.

Para a caracterização dos indivíduos, antes das assertivas fornecidas pelos questionários das escalas relacionadas, utilizou-se uma pergunta chave (Atualmente você trabalha em alguma empresa ou organização?), a qual direcionou à pesquisa somente os respondentes com vínculo formal. Em sequência foi caracterizado o vínculo à empresa pública, privada ou por forma concomitante (pública e privada), além do posicionamento organizacional sobre cargos de chefia e quanto ao posicionamento sobre o regime de horas-extras.

Na sequência, foram acrescidas ao questionário 48 assertivas referentes à Escala de Percepção Temporal (EPT) desenvolvida e validada por Paiva *et al.* (2013), referentes à Nova Escala Geral de Autoeficácia desenvolvida e validada por Chen, Gully e Eden (2001), cujos respondentes mensuraram sua concordância com frases através de uma escala de Likert de 5 pontos, variando de discordo totalmente (1) a concordo totalmente (5). Ao final foram aplicadas 4 questões referentes a caracterização dos dados pessoais dos respondentes, contendo: gênero, ano de nascimento para a identificação de qual geração o indivíduo pertence, bem como o grau de escolaridade e a renda mensal percebida. Após a aplicação do questionário obteve-se um número de 575 respondentes, sendo 546 respostas validadas.

Considerando a proporção de respostas em relação à caracterização da amostra para sistematização do perfil dos respondentes, deu-se o tratamento estatístico, através do programa Stata, para verificar a presença de viés específico e então procedeu-se ao cálculo das estatísticas descritivas, considerando a média e o desvio-padrão de cada variável, verificando possíveis dispersões. Analisando as médias das assertivas, calculadas por intermédio do teste t-student para amostras independentes em função dos extremos das gerações de trabalhadores (*Baby Boomers* e Geração Z), foram verificadas possíveis diferenças em relação aos Fatores de Percepção Temporal e autoeficácia.

Logo em seguida, para que fosse verificado o grau de associação entre a autoeficácia (variável dependente) e as demais variáveis independentes foi realizada uma regressão via Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), com erros robustos. Para todas as análises estatísticas, considerou-se um nível de significância de 5%.

O modelo de regressão seguiu a seguinte equação: $Y_i = \beta_1 + \beta_2 X_{2i} + \dots + \beta_{16} X_{16i} + u_i$. Nesta equação o Y_i representa a variável dependente (autoeficácia). Os coeficientes $\beta_1, \dots, \beta_{16}$ referem-se às direções das possíveis relações das variáveis explicativas do modelo (variáveis independentes) com a variável dependente. As variáveis explicativas são formadas por X_{2i} (policromia), X_{3i} (velocidade), X_{4i} (pontualidade), X_{5i} (profundidade temporal), X_{6i} (arrastamento sincronia), X_{7i} (arrastamento liderança), X_{8i} (arrastamento condução), X_{9i} (cargo de chefia), X_{10i} (hora extra), X_{11i} (carga horária semanal), X_{12i} (gênero), X_{13i} (escolaridade) X_{14i} (renda), X_{15i} (empresa pública), X_{16i} (empresa pública e privada) e o termo aleatório é o erro u_i .

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Caracterização da Amostra

O perfil característico dos respondentes desta pesquisa, representados conforme a tabela 01, apresenta-se de forma heterogênea, onde indivíduos pertencentes à Geração Y (50,28%) apresentaram uma maior representatividade em relação às gerações Baby Boomers (12,11%), X (28,44%) e Z (9,17%).

A geração Baby Boomers apresentou como maioria dos seus respondentes indivíduos pertencentes a empresas ou organizações públicas (63,64%). Tais indivíduos, em sua maioria,

não ocupam cargo de chefia (57,58%). Trabalham além do horário normal da jornada (60,61%), situam-se em regime de trabalho com até 40 horas semanais (45,46%) e pertencem ao gênero feminino (54,55%). Grande parte possui pós-graduação do tipo especialista (42,42%) e renda acima de R\$10.000,00 (24,24%), o que tende a ser justificado devido a sua longevidade no mercado de trabalho.

A geração X apresentou, na maioria dos seus respondentes, indivíduos pertencentes a empresas ou organizações públicas (60,00%), que não ocupam cargo de chefia (72,90%) e que trabalham além da jornada de trabalho normativa (61,94%). A maior parte situa-se em regime de trabalho com até 40 horas semanais (61,94%), pertencem ao gênero feminino (53,55%), possuem pós-graduação do tipo especialista (38,06%) e recebem renda mensal entre R\$2.000,01 e R\$4.000,00 (32,26%).

Na geração Y, as empresas ou organizações públicas também detiveram a maioria de indivíduos (59,49%), que não ocupam cargo de chefia (82,48%), trabalham além do horário normal de trabalho (54,74%) e situam-se em regime de trabalho com até 40 horas semanais (56,20%). O gênero feminino foi a maioria (60,22%), além da escolaridade com pós-graduação do tipo especialista (38,69%) e renda mensal entre R\$2.000,01 e R\$4.000,00 (33,58%).

A geração Z foi representada em sua maioria por indivíduos pertencentes a empresas ou organizações privadas (76,00%), que não ocupam cargo de chefia (100%). Grande parte dos indivíduos não trabalham além do horário normal (82%), visto que 46% trabalham em regime de até 44 horas semanais, 66% pertencem ao gênero feminino, 58% possuem curso superior completo e 62% percebem renda mensal de até R\$2.000,00 por mês. Um único respondente mostrou-se pertencente a outras gerações sendo desconsiderado por não haver representatividade significativa.

Em relação ao panorama geral da pesquisa, quanto ao tipo de empresas ou organizações, a maioria das amostras válidas (56,15%) foi pública, sendo esta parcela maior que a soma das outras duas categorias juntas (privada / pública e privada). Significativa parcela dos respondentes não ocupa cargo de chefia (78,35%), mas excedem sua jornada de trabalho regulamentar (54,13%), dentro de uma carga semanal de até 40 horas (55,23%).

Houve no item escolaridade a categorias ensino superior completo apresentou uma maior representatividade com uma parcela igual de 35,78%, com grande proximidade ao item especialista (35,60%). Quanto ao gênero, há uma proximidade entre os respondentes com vantagem para o gênero feminino (58,17%) sobre o masculino (41,83%).

A geração Z apresentou em sua maioria vínculo com empresas ou organizações privadas. Este fato deve-se a esta geração ser mais recente no mercado de trabalho, onde a falta de experiência e de formação complementar dificulta o acesso a cargos públicos em meio a concorrência dos processos de seleção por meio de concursos públicos.

A geração Baby Boomers, em relação às outras, possui uma maior representatividade em cargos de chefia. Esta geração, além de contar com uma maior qualificação também conta com a experiência de trabalho acumulada ao longo do tempo, o que constitui vantagem para que ocupem cargos de chefia com uma maior frequência.

5.2 Estatística Descritiva

Esta estatística descritiva objetivou verificar o comportamento dos dados apresentados em relação às médias e desvios-padrão oriundos da pesquisa, conforme seus posicionamentos e dispersões. Devido a utilização de uma escala Likert de cinco pontos para esta análise, em relação às médias encontradas, considerou-se a faixa de intervalo entre 1 e 2 como médias baixas, após 2 e antes de 4 como médias intermediárias entorno da posição neutra (3) e entre 4 e 5 como médias altas. Quanto aos desvios-padrão, considerou-se os valores abaixo de 0,50 como sendo baixos, entre 0,50 e 1,00 como sendo intermediários e acima de 1,00 como sendo altos.

O construto Policronia apresentou média intermediária ($M = 3,37$) acima e próximo à posição neutra, com um desvio-padrão baixo ($DP = 0,40$), caracterizando certa homogeneidade nas respostas e uma leve tendência à policronicidade, assinalando a necessidade que os trabalhadores possuem de atender às exigências do mercado e expondo a opção positiva pelo ambiente dinâmico de trabalho concordando com Mohammed e Nadkarni (2014), que afirmam ser o dinamismo uma importante característica laboral.

Na dimensão Velocidade, a média foi intermediária ($M = 3,19$) com as mesmas características da Policronia, próximo à posição neutra. O desvio-padrão apresentou-se baixo ($DP = 0,41$) com tendência a uma homogeneidade nas respostas. Via de regra, as assertivas apresentaram médias positivas altas e as negativas baixas, justificando a aceitação da exigência de rapidez na execução das tarefas, embora demonstrem a preferência por maior tempo na sua execução. Tal tendência pode ser justificada, segundo Paiva e Gonçalves (2013), pela cobrança exercida nas empresas e/ou organização por seus gestores.

Em relação ao construto Pontualidade, a média também foi intermediária e próxima da linha neutra ($M = 3,75$), com desvio-padrão intermediário ($DP = 0,47$) apresentando uma certa homogeneidade entre os resultados, demonstrando tendência à aceitação das exigências do mercado. No entanto, há a preocupação com o desenvolvimento profissional em relação à opinião dos colegas de trabalho. Este fato poderá ser determinante diante da preocupação do profissional em permanecer no mercado de trabalho, que confirma a ideia de Roman et al. (2012) quando expõe que a pontualidade é uma característica social ligada diretamente à busca de confiabilidade por parte dos indivíduos dentro do contexto das empresas ou organizações.

A dimensão profundidade temporal apresentou média intermediária ($M = 3,73$) acima da posição neutra, com desvio-padrão baixo ($DP = 0,44$) e indicando homogeneidade nos resultados, além de uma tendência à confirmação na intenção deste construto pelos respondentes, reforçada pelas médias das assertivas acima da posição neutra, pontuando equilíbrio e demonstrando a visão profissional de projeções futuras sem desconsiderar as ações do passado. Tais índices confirmam a ideia de Paiva e Gonçalves (2013) em relação aos indivíduos quando tendem a visualizar futuras metas, pois para Cherian e Jacob (2013) há a busca de um retorno pessoal e profissional.

No construto de arrastamento sincronia, a média foi caracterizada como intermediária ($M = 3,70$) e acima da posição neutra, o que tende a confirmar a intenção deste construto pela maioria dos respondentes. O desvio-padrão foi classificado como intermediário ($DP = 0,58$) pontuando a homogeneidade nos resultados. Tais resultados indicam o reconhecimento da necessidade de alinhamento da liderança em relação a um plano organizacional maior, de modo que se submetem profissionalmente ao plano estratégico da empresa, ainda que demonstrem uma insegurança na capacidade da liderança em gerenciar as programações. Tal assertiva confirma a preferência de indivíduos pela sincronia com os superiores, ainda que por imposição do mercado de trabalho, o que confirma a ideia de Martins Paiva et al. (2013) sobre a importância da atuação de gestores na administração do trabalho junto aos seus comandados.

Na dimensão arrastamento liderança, a média caracterizou-se como intermediária ($M = 3,20$) e acima da posição neutra, o que tende a confirmação da intenção desta dimensão pela maioria dos respondentes. O desvio-padrão foi classificado como intermediário ($DP = 0,69$) indicando homogeneidade nos resultados. As médias positivas foram altas e as negativas foram baixas reforçando a importância da proatividade e a consciência do comprometimento profissional. Este comportamento corrobora com a ideia de Paiva e Gonçalves (2013) no sentido de reforçar a busca por um status de liderança.

Na dimensão arrastamento condução, a média foi considerada intermediária e acima da posição neutra ($M = 3,65$), o que tende à confirmação da intenção desta dimensão pela maioria dos respondentes. O desvio-padrão intermediário ($DP = 0,57$) indicou uma certa homogeneidade nos resultados. As médias positivas e negativas foram altas demonstrando a

necessidade da intervenção dos gestores sobre o cumprimento das metas, embora haja consciência em relação ao profissionalismo. Desta forma os respondentes admitem a condução dos processos organizacionais por superiores hierárquicos e demonstram dificuldade em cumprir horários junto aos colegas, concordando com Paiva e Gonçalves (2013) quanto à dificuldade que o tempo principal (tempo proposto por gestores) terá para ajustar o tempo dos indivíduos em cumprir as tarefas (arrastamento).

A dimensão Autoeficácia, que representa a variável dependente neste estudo, apresentou médias altas em todas as suas assertivas, bem como em sua média final (M = 4,36), caracterizando uma tendência positiva ao sentimento de autoeficácia dos respondentes. As médias foram altas confirmando a exigência do mercado de trabalho e refletindo a necessidade da manutenção do vínculo empregatício. Tal situação reforça a ideia de Peng e Mao (2015), que mencionam o comprometimento como força positiva no trabalho concordando com a ideia de Antloga (2017) que coloca a reação positiva das pessoas, frente às adversidades, como aprendizado e reforço ao sentimento de autoeficácia.

5.3 Teste de Diferença de Médias

Para a aplicação do teste de diferença de médias, tomou-se as médias das gerações extremas (Baby Boomers e Geração Z) por representarem a maior distância cronológica sobre os períodos entre gerações. Desta forma, considerando o nível de significância adotado nesta pesquisa ($p < 0,05$), o resultado indicou diferença estatisticamente significativa somente na dimensão Arrastamento Sincronia.

A única dimensão que apresentou diferença entre médias foi o Arrastamento Sincronia. Este resultado apresentou-se de forma antagônica. A geração Z possui proximidade em relação aos partícipes do seu meio laboral e social por conta de tecnologias de comunicação (MAIOLI, 2016). Já a geração Baby Boomers, segundo Santos *et al.* (2014), segue o sentido contrário por conta de dificuldades em relacionamentos interpessoal e organizacional.

A ausência significativa de diferenças entre as gerações em relação à maioria dos construtos, demonstra que elas convivem em uma atmosfera organizacional dinâmica que tende a influenciar a adaptação comportamental do trabalhador, sem diferenças, em relação à prática do trabalho (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016). Dentre os fatores que contribuem para a equiparação entre gerações está a fluência digital, devido a competências tecnológicas que utilizam no exercício do trabalho, nivelando nativos e imigrantes digitais por conta dos objetivos organizacionais (COLBERT; YEE; GEORGE, 2016).

TABELA 01 - TESTE DE DIFERENÇA DE MÉDIAS EM FUNÇÃO DAS GERAÇÕES Z E BABY BOOMERS (EXTREMOS)

| CONSTRUTOS | GERAÇÃO Z (N=50) | | GERAÇÃO BABY BOOMERS (N=66) | | DIFERENÇA DE MÉDIAS | P-VALOR |
|------------------------|---------------------|------|-----------------------------------|------|------------------------|---------|
| | MÉDIA | DP | MÉDIA | DP | | |
| | POLICRONIA | 3,28 | 0,28 | 3,43 | | |
| VELOCIDADE | 3,34 | 0,41 | 3,29 | 0,52 | 0,05 | 0,593 |
| PONTUALIDADE | 3,72 | 0,49 | 3,74 | 0,53 | -0,03 | 0,777 |
| PROFUNDIDADE TEMPORAL | 3,60 | 0,44 | 3,78 | 0,57 | -0,18* | 0,065 |
| ARRASTAMENTO SINCRONIA | 3,98 | 0,55 | 3,64 | 0,62 | 0,34*** | 0,003 |
| ARRASTAMENTO LIDERANÇA | 3,52 | 0,61 | 3,42 | 0,75 | 0,10 | 0,462 |
| ARRASTAMENTO CONDUÇÃO | 3,40 | 0,52 | 3,39 | 0,72 | 0,01 | 0,910 |
| AUTOEFICÁCIA | 4,45 | 0,58 | 4,33 | 0,66 | 0,12 | 0,323 |

Fonte: Dados da pesquisa

*** Significativo ao nível de 1% ** Significativo ao nível de 5% *Significativo ao nível de 10%

5.4 Modelo de Regressão MQO

As gerações não sofreram significativa influência dos construtos Policronia, Velocidade e Arrastamento (Sincronia, Liderança e Condução) em relação ao sentimento de autoeficácia dos trabalhadores nas gerações analisadas. Também a ocupação de cargos de chefia, carga-horária semanal praticada, gênero, renda e tipo de empresa na qual os indivíduos trabalham, não se relacionaram significativamente ao contexto de autoeficácia nos trabalhadores.

TABELA 02 - REGRESSÃO MODELO MQO

| Regressão Modelo MQO | Geração <i>Baby Boomers</i> | | Geração X | | Geração Y | | Geração Z | |
|------------------------------|--------------------------------|---------|--------------|---------|--------------|---------|--------------|---------|
| | Coef. | p-valor | Coef. | p-valor | Coef. | p-valor | Coef. | p-valor |
| AUTOEFICÁCIA (Y) | | | | | | | | |
| POLICRONIA | -0,0970 | 0,442 | 0,0429 | 0,676 | -0,1304 | 0,132 | 0,1810 | 0,541 |
| VELOCIDADE | -0,0545 | 0,763 | 0,0885 | 0,409 | 0,0231 | 0,779 | -0,2033 | 0,385 |
| PONTUALIDADE | 0,1805 | 0,395 | 0,4914 *** | 0,000 | 0,3621 *** | 0,000 | 0,3146 * | 0,062 |
| PROFUNDIDADE TEMPORAL | 0,7136 *** | 0,000 | 0,4010 ** | 0,012 | 0,4099 *** | 0,000 | 0,1189 | 0,551 |
| ARRASTAMENTO SINCRONIA | 0,2109 * | 0,099 | -0,0520 | 0,551 | 0,0194 | 0,744 | 0,1906 * | 0,082 |
| ARRASTAMENTO LIDERANÇA | 0,0979 | 0,405 | 0,1060 * | 0,079 | 0,0730 | 0,154 | -0,0945 | 0,508 |
| ARRASTAMENTO CONDUÇÃO | -0,0773 | 0,484 | 0,0006 | 0,995 | 0,0272 | 0,667 | 0,1746 | 0,176 |
| CARGO DE CHEFIA | -0,0446 | 0,793 | 0,0032 | 0,982 | 0,0278 | 0,761 | 0,0000 | |
| HORA EXTRA | 0,1487 | 0,338 | 0,0355 | 0,723 | 0,0090 | 0,886 | -0,3579 ** | 0,033 |
| CARGA HORÁRIA SEMANAL | -0,0032 | 0,975 | 0,0796 | 0,183 | 0,0169 | 0,642 | 0,0401 | 0,736 |
| GÊNERO | -0,0289 | 0,861 | 0,0224 | 0,782 | -0,1295 * | 0,081 | -0,1292 | 0,427 |
| ESCOLARIDADE | -0,0002 | 0,972 | 0,0028 | 0,611 | -0,0054 | 0,296 | 0,3317 ** | 0,024 |
| RENDA | -0,0137 | 0,829 | 0,0190 | 0,504 | -0,0074 | 0,792 | 0,2007 | 0,217 |
| EMP./ORG.PÚBLICA | -0,1264 | 0,403 | -0,1543 | 0,112 | -0,0236 | 0,742 | -0,3794 | 0,109 |
| EMP./ ORG. PÚBLICA E PRIVADA | 0,1487 | 0,386 | 0,0239 | 0,896 | -0,1286 | 0,347 | 0,2430 | 0,205 |
| CONSTANTE | 0,7059 | 0,260 | 0,2337 | 0,700 | 1,4929 | 0,002 | 0,8328 | 0,571 |

Fonte: Dados da pesquisa

*** Significativo ao nível de 1% ** Significativo ao nível de 5% *Significativo ao nível de 10%

Tais reações podem advir da homogeneização dos processos laborais, normas e procedimentos, colocados de forma transparente, que tendem a uniformizar rotinas e estabelecer procedimentos que levam a padronização de comportamentos nos trabalhadores formais (COSTA *et al.*, 2014). Esta atmosfera conciliadora e dinâmica direciona positivamente os indivíduos, em meio a heterogeneidade dos comportamentos sociais, a um padrão estabelecido pelos objetivos das organizações (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016).

Dentre os valores significantes a geração Baby Boomers apresentou um percentual significativo em relação à Profundidade Temporal ($p < 0,05$). Assim, nesta geração, a influência de metas profissionais nas ações atuais do indivíduo é significativamente importante para o aumento de sua eficácia no ambiente de trabalho. Tal tendência reforça a ideia de Santos *et al.*, (2014) que apontam a busca de resultados como uma das características marcantes desta geração.

Embora a literatura informe que a geração X defenda a flexibilidade e liberdade de horários (COMAZZETTO *et al.*, 2016) o seu sentimento de autoeficácia tende a ser influenciado positivamente pela Pontualidade. Ainda que esta geração tenda a ser desleal ao vínculo organizacional (TEIXEIRA *et al.*, 2014), as metas profissionais (Profundidade Temporal) influenciam positivamente as ações dos indivíduos para o aumento do sentimento de autoeficácia ($p < 0,05$).

Para Comazzetto *et al.* (2016), a geração Y possui um bom controle do tempo, o que confirma positivamente a relação da Pontualidade com a autoeficácia ($p < 0,05$). Já para Sganderla *et al.* (2016) esta geração possui dificuldade em respeitar a hierarquia das organizações, o que não interfere na busca de metas profissionais (Profundidade Temporal) de forma positiva em relação ao aumento do sentimento de autoeficácia nos trabalhadores desta geração ($p < 0,05$).

Possuidores de autoestima acentuada em seu perfil profissional (MAIOLI, 2016) os indivíduos da geração Z, por serem mais novos no mercado de trabalho, possuem grandes expectativas de crescimento profissional, justificando a relação positiva entre a Escolaridade e o sentimento de autoeficácia. A exigência de horas extras influencia negativamente a relação com a autoeficácia, justificada pelo valor que expressam pela qualidade de vida (DE CARVALHO JACQUES *et al.*, 2015).

6 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi investigar a influência de fatores de percepção temporal (policronicidade, velocidade, pontualidade, profundidade temporal e arrastamento) sobre o sentimento de autoeficácia, manifestada de forma diferenciada a grupos de gerações de trabalhadores (Baby Boomers, X, Y e Z), em meio ao incremento da rapidez proporcionada pela tecnologia e a racionalização do tempo produtivo nas organizações. Como população a ser estudada utilizou-se o resultado de uma seleção de trabalhadores formais, com acesso às redes sociais e a meios eletrônicos de comunicação onde estabeleceu-se duas linhas de pesquisa: o conflito ou a adaptação geracional às exigências do ambiente laboral.

Em relação aos conflitos entre gerações, observou-se que as dimensões Pontualidade, Profundidade Temporal e a Escolaridade demonstraram significância positiva em relação ao sentimento de autoeficácia dos trabalhadores, respectivamente em relação às gerações X e Y; Baby Boomers, X e Y; e Z. Da mesma forma, só que de forma negativa, a possibilidade de fazer Hora Extra apresentou influência significativa para a geração Z em relação à autoeficácia.

Tais resultados confrontaram-se de forma diminuta em relação à maioria das variáveis (policronia, velocidade, arrastamento, ocupação de cargo de chefia, carga horária semanal, gênero, renda e o tipo de organização a qual os trabalhadores estão ligados) que não influenciaram significativamente as gerações de trabalhadores em relação ao sentimento de autoeficácia.

Esse comportamento nos remete à tendência destas gerações em adaptarem-se ao clima ocupacional, ainda que esbochem manifestações assimétricas no convívio social. Estas gerações estão adaptando-se às exigências tecnológicas em função do compartilhamento globalizado de informações entre profissionais da mesma ou de diferentes áreas e organizações, oferecidas por facilidades dentro de um aprendizado autoalimentado pela comunicação. Há, portanto, a possibilidade de haver diferentes gerações de trabalhadores convivendo sem radicalismos e sem grandes variações de comportamento em um mesmo ambiente laboral por força do clima e da cultura organizacional.

Como contribuição teórica esta pesquisa apresenta uma linha de construção acadêmica pouco utilizada, quando constrói a ideia que as gerações, embora a literatura exponha as suas diferenças constatadas em resquícios pontuais de conflitos, tendam a adaptar-se às exigências do mercado de trabalho, construindo um novo perfil laboral. Tal ideia poderá fomentar novos estudos comparativos entre as gerações de trabalhadores atuantes no mercado de trabalho.

Como limitações da pesquisa destacamos a aplicação de questionário majoritariamente por meio eletrônico, que pode ter favorecido as gerações mais jovens e mais centradas profissionalmente, que desta forma obtiveram uma maior representatividade entre os respondentes.

Sugere-se para futuras pesquisas a reaplicação desta pesquisa com a utilização de questionários físicos endereçados às organizações públicas e privadas, via mala direta, com confirmação de recebimento e/ou devolução, além da inclusão de profissionais informais no corpo da pesquisa. Também poderíamos atuar de forma diferenciada investigando o confronto entre manifestações dos trabalhadores no ambiente laboral em relação ao comportamento social, de forma a tentar evidenciar adaptações diferenciadas destes indivíduos por conta das rotinas laborais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.T.; ITUASSU, C.T.; MOURA, L.R.C. O sentido do consumo para membros das gerações X, Y e Z (The meaning of consumption for members of generations X, Y and Z). **Revista Ciências Administrativas**, 2016.

AMBIEL, R.A.M.; HERNÁNDEZ, D. N. Relações entre Autoeficácia para Escolha Profissional, Exploração e Indecisão Vocacional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2016.

ANTLOGA, C. Autoeficácia e Qualidade de Vida no Trabalho: um estudo com policiais militares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2017.

ASKIN, M.; SURUCU, O. A. The role of polychronicity and intrinsic motivation as personality traits on frontline employees' job outcomes: An empirical study from Malaysia. **Asia-Pacific Journal of Business Administration**, 2016.

BARROS, M. A.; OLIVEIRA, J. A.; SPYRIDES, M.H.C. Um estudo sobre autoeficácia no trabalho e características sociodemográficas de servidores de uma universidade federal. **REGE-Revista de Gestão**, 2012.

BARROS, M.; BATISTA-DOS-SANTOS, A. C. Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos. **Revista Espaço Acadêmico**, 2010.

BECTON, J.B.; WALKER, H.J.; JONES-FARMER, A. Generational differences in workplace behavior. **Journal of Applied Social Psychology**, 2014.

BEJTKOVSKÝ, J. The Current Generations: The Baby Boomers, X, Y and Z in the Context of

Human Capital Management of the 21st Century in Selected Corporations in the Czech Republic. **Littera Scripta**, 2016.

BOAS, A.A.V.; MORIN, E.M. Sentido do trabalho e fatores de qualidade de vida no trabalho: a percepção de professores brasileiros e canadenses. The meaning of work and quality of working life factors: perceptions of brazilian and canadian professors/ El sentido del trabajo y los factores de calidad de vida en el trabajo: la percepción de profesores brasileños y canadienses. **Revista Alcance (Online)**, 2016.

BOLTON, R. N.; PARASURAMAN, A.; HOEFNAGELS, A.; MIGCHELS, N.; KABADAYI, S.; GRUBER, T.; LOUREIRO, Y.K.; SOLNET, D. Understanding Generation Y and their use of social media: a review and research agenda. **Journal of Service Management**, 2013.

CAPDEFERRO, N.; ROMERO, M.; BARBERÀ, E. Polychronicity: review of the literature and a new configuration for the study of this hidden dimension of online learning. **Distance Education**, 2014.

CARLOTTO, M. S.; WENDT, G. W.; LISBOA, C.; MORAES, M. A. D. Preditores da Adição ao Trabalho em Trabalhadores que utilizam Tecnologias de Informação e Comunicação. **Temas em Psicologia**, 2014.

CHEN, G.; GULLY, S. M.; EDEN, D. Validation of a new general self-efficacy scale. **Organizational research methods**, 2001.

CHERIAN, J.; JACOB, J. Impact of self-efficacy on motivation and performance of employees. **International Journal of Business and Management**, 2013.

COGIN, J. Are generational differences in work values fact or fiction? Multi-country evidence and implications. **The International Journal of Human Resource Management**, 2012.

COLBERT, A.; YEE, N.; GEORGE, G. The digital workforce and the workplace of the future. **Academy of Management Journal**, 2016.

COMAZZETTO, L. R.; VASCONCELLOS, S. J. L.; PERRONE, C. M.; GONÇALVES, J. Generation Y in the Job Market: a Comparative Study among Generations. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2016.

COSTA, L.; MENDONÇA, C.; RODRIGUES, J., G.; ARAÚJO, M.; ALLOUFA, J.; SILVA, R. CONFLITOS ORGANIZACIONAIS ENTRE GERAÇÕES: UM ESTUDO EMPÍRICO COM A EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE DO IFRN. **HOLOS**, 2014.

DE ABREU, G.G.; FORTUNATO, G.; BASTOS, S. A.P. Semelhanças e Diferenças entre Gerações: Complexidade e Complementaridade no Ambiente Organizacional. **Perspectivas Contemporâneas**, 2016.

DE CARVALHO JACQUES, T.; BRAGA PEREIRA, G.; LOPES FERNANDES, A.; ANDRADE OLIVEIRA, D. Geração Z: peculiaridades geracionais na cidade de Itabira-MG. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, 2015.

DRUMOND, Thaís Diniz Reis; ITUASSU, Cristina Trindade; VASCONCELOS, Fernanda Carla Wasner. Os sentidos do trabalho para engenheiros de diferentes gerações. **Diálogo**, 2016.

FALASTER, C.; FERREIRA, M.P.; REIS, C. Atributos que atraem a geração Y na escolha do emprego ideal: uma análise a partir da perspectiva de estudantes veteranos. **Contextus-Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, 2015.

- FURUCHO, N.Y; OSWALDO, Y.C.; GRAZIANO, G.O.; SPERS, V.R.E. Valores e características geracionais: um estudo em uma instituição de ensino superior. **Revista Brasileira de Marketing**, 2015.
- KAMIA, M.; PORTO, J.B. Comportamento proativo nas organizações: o efeito dos valores pessoais. **Psicologia: ciência e profissão**, 2011.
- KANTROWITZ, T. M.; GRELE, D. M.; BEATY, J. C.; WOLF, M. B. Time is money: Polychronicity as a predictor of performance across job levels. **Human Performance**, 2012.
- KING, S. P.; BRYANT, F.B. The Workplace Intergenerational Climate Scale (WICS): A self report instrument measuring ageism in the workplace. **Journal of Organizational Behavior**, 2017.
- KIRCHBERG, D.M.; ROE, R.A.; VAN EERDE, W. Polychronicity and multitasking: a diary study at work. **Human Performance**, 2015.
- LARANGEIRA, Á.N.; CARDOSO, M.; KUMM, A.A. Interações temporais na era da convergência: perspectivas das Gerações Y e Z nas redes sociais digitais. **Educação, Cultura e Comunicação**, 2016.
- LEMO, A. H. C.; GOTTLIEB, L.S.N.; COSTA, A.S.M. Pressure, Performance and Prestige: Dilemmas for Contemporary Professionals. **Organizações & Sociedade**, 2016.
- LIMA, T. H.; MARTINS, M. R.; SANTOS, A. A.A. NUNES, M.F.O. Autoeficácia para atividades ocupacionais: Uma Comparação entre as gerações X e Y. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2016.
- LUB, X.; BIJVANK, M.N.; BAL, P.M.; BLOMME, R.; SCHALK, R. Different or alike? Exploring the psychological contract and commitment of different generations of hospitality workers. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, 2012.
- MAIOLI, E. New Generations and Employment—An Exploratory Study about Tensions Between the Psycho-social Characteristics of the Generation Z and Expectations and Actions of Organizational Structures Related with Employment (CABA, 2016). **Journal of Business**, 2016.
- MESMER-MAGNUS, J.; VISWESVARAN, C.; BRUK-LEE, V.; SANDERSON, K.; SINHA, N. Personality correlates of preference for multitasking in the workplace. **Journal of Organizational Psychology**, 2014.
- MOHAMMED, S.; NADKARNI, S. Are we all on the same temporal page? The moderating effects of temporal team cognition on the polychronicity diversity—team performance relationship. **Journal of Applied Psychology**, 2014.
- NASCIMENTO, N. M.; SANTOS, J. C.; VALENTIM, M. L. P.; MORO-CABERO, M. M. O estudo das gerações e a inteligência competitiva em ambientes organizacionais. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, 2016.
- NEWTON, Y. F.; OSWALDO, Y. C.; GRAZIANO, G. O.; SPERS, V. R. E. Valores e Características Geracionais: um Estudo em uma Instituição de Ensino Superior. **REMark**, 2015.
- OLIVEIRA, C. T. D.; CARLOTTO, R. C.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Oficinas de gestão do tempo com estudantes universitários. **Psicologia: ciência e Profissão**. Brasília, 2016.
- ONYISHI, I. E.; OGBODO, E. The contributions of self-efficacy and perceived organisational support when taking charge at work. **SA Journal of Industrial Psychology**, 2012.

- PAIVA, K. C. Martins de; SANTANA DUTRA, M. R.; DE OLIVEIRA SANTOS, A.; REZENDE FREITAS BARROS, V. Proposição de escala de percepção temporal. **Tourism & Management Studies**, 2013.
- PAIVA, K. C.; TORRES, A. D.; DUTRA, M. R. S.; LUZ, T. R. Uma Análise da Percepção do Tempo: um estudo de caso com vigilantes. **TPA-Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 1, p. 1-21, 2014.
- PAIVA, K.C.M.; GONÇALVES, M.S.M. Tempo e gerência: um estudo com gestores de um shopping center de Belo Horizonte (MG). **Gestão & Planejamento-G&P**, 2013.
- PALMER, David K. Taking Time Seriously as a Component of Employee Resilience. **Industrial and Organizational Psychology**, 2016.
- PENG, Y.; MAO, C. The impact of person–job fit on job satisfaction: the mediator role of Self-efficacy. **Social Indicators Research**, 2015.
- PRISCO, A.P.K.; MARTINS, C.R.; NUNES, M.F.O. Estudos sobre autoeficácia aplicada ao desenvolvimento de carreira no Brasil: Uma revisão. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2013.
- ROMAN, J.D.; PIANA, J.; PEREIRA, M.A.S.; LOZANO, M.A.S.P.L; ERDMANN, R.H. Fatores de competitividade organizacional. **BBR-Brazilian Business Review**, 2012.
- SANTOS, I.C.; CIPULLA, J.D.; CESTARO, H.J.; AUGUSTO, R.B.B. Percepções sobre conflitos entre gerações no ambiente de trabalho: uma breve análise sobre os Baby Boomers e gerações subsequentes. **Revista Científica Hermes**, 2014.
- SBICIGO, J. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; DELL’AGLIO, D. D. Propriedades psicométricas da escala de autoeficácia geral percebida (EAGP). **Psico**, 2012.
- SGANDERLA, E. F.; BOHNENBERGER, M. C.; BESSI, V. G.; SCHMIDT, S. Geração Y: expectativas de estilo de liderança e satisfação no ambiente de trabalho| Generation Y: expectations regarding leadership style and job satisfaction. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação (Brazilian Journal of Management & Innovation)**, 2016.
- SRNA, S.; SCHRIFT, R.; ZAUBERMAN, G. Multitasking: Perception and Performance. **ACR North American Advances**, 2016.
- TEIXEIRA, A. P. P.; PETUCO, C. F.; GAMARRA, L. T.; KUHLER, C.; TEIXEIRA, R.; KLEIN, A. Z. O sentido do trabalho: uma análise à luz das Gerações X e Y. **Diálogo**, 2014.
- VELOSO, A. L. O. M.; SILVA, M. J.; SILVA, I.; CAETANO, A. Fatores que afetam a transferência da aprendizagem para o local de trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, 2015.
- VELOSO, E.F.R.; DUTRA, J.S.; NAKATA, L.E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações y, xe baby boomers. **REGE-Revista de Gestão**, 2016.
- VITÓRIA, A.; REGO, A.; BOAS, M.V. Atitudes perante os trabalhadores mais velhos: Perspetiva dos estudantes universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2017.